



## **CIDADE SEM LEI<sup>1</sup>**

Cláudio Eduardo de SOUZA<sup>2</sup>  
Carlos GOLEMBIEWSKI<sup>3</sup>  
Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, SC

### **RESUMO**

Este documentário mostra a violência da cidade de Itajaí a partir de um caso específico que retrata a brutalidade e a insegurança do município: o caso Rafael Rodrigues Mendonça. Em 2003, na tentativa de prender assaltantes de banco, um policial militar atingiu Rafael, estudante de 20 anos, que se escondia atrás de um veículo temendo pelos disparos. O documentário apresenta as polêmicas que envolvem o crime a partir da visão de personagens que tiveram ligação, direta ou indireta, com o caso. Rafael foi mais uma vítima contabilizada nas estatísticas de homicídios na cidade. O vídeo usa imagens veiculadas na imprensa e conta com entrevistas de pessoas ligadas ao crime ou à vítima, facilitando a compreensão do que aconteceu naquele dia e permitindo que o espectador conheça quem foi Rafael. Seis anos depois, o PM acusado pela morte do estudante não foi sequer julgado e continua trabalhando na polícia.

**PALAVRAS-CHAVE:** documentário; violência; Itajaí; Polícia Militar; impunidade.

### **INTRODUÇÃO**

Em 28 de novembro de 2003, no horário do almoço, houve um assalto à agência do Banco do Brasil, no Porto de Itajaí. No exato momento em que os dois assaltantes fugiam da Polícia (que havia sido alertada enquanto o roubo acontecia), o auxiliar administrativo Rafael passava pela calçada em que começava a perseguição, rumo à empresa J Macêdo, onde trabalhava havia mais de dois anos. Com medo, o estudante de Logística de 20 anos se escondeu atrás de um carro que estava estacionado na via pública. Vendo que nem os bandidos, nem os policiais que os perseguiam haviam passado pelo veículo em que ele se escondia, Rafael foi se levantando lentamente, para observar o que acontecera. Através do vidro traseiro do Chevette que servira de escudo, o jovem viu que os assaltantes já tinham sido rendidos e estavam sendo algemados. Nesse instante, a viatura do GRT (Grupo de Resposta Tática) chegou em alta velocidade pelo sentido contrário e freou bruscamente, poucos metros atrás do Chevette. Os quatro PMs que compunham a equipe naquela operação saíram da camionete Blazer e apontaram suas armas na direção do estudante.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário em vídeo.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 9º. Semestre do Curso Jornalismo, email: claudioeduardo87@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo.



Percebendo a possibilidade de ser confundido com um dos bandidos, Rafael ergueu os braços e gritou insistentemente aos PMs, para esclarecer o provável engano. Cena vista por testemunhas oculares e declarada posteriormente em depoimentos. Os gritos de Rafael foram calados por um tiro que partiu da viatura do Grupo de Resposta Tática. Só o que nenhuma testemunha conseguiu identificar foi o autor do disparo fatal.

O assassinato do estudante repercutiu em toda a imprensa catarinense, sendo, por meses, capa dos principais jornais do estado: *Jornal de Santa Catarina*, *A Notícia*, *Diário Catarinense*, *Diário do Litoral* e *Diário da Cidade* – sendo os dois últimos periódicos locais; além de emissoras de televisão e de rádio, que cobriram cada parte do processo de investigação do caso e também as manifestações organizadas mensalmente pela família e amigos de Rafael. Devido à forma como aconteceu e à constante veiculação das notícias acerca do caso, a população, de forma generalizada, se indignou e passou a temer a falta de segurança em Santa Catarina.

O assalto ao banco foi registrado às 12h13. Estima-se que Rafael tenha sido alvejado cerca de cinco minutos depois. Após ser atingido, o estudante ainda deu alguns passos em direção à viatura do GRT, provavelmente temendo que um outro tiro fosse disparado, ou apenas pedindo ajuda. Cambaleante, caminhou cerca de seis metros e caiu na calçada. Após a rendição dos dois assaltantes, verificou-se que um deles havia sido atingido por dois tiros: um na coxa e outro no ombro. Os bombeiros foram acionados para prestar o atendimento ao assaltante que, posteriormente, foi encaminhado junto do outro elemento para a delegacia. Já Rafael, foi encaminhado ao IML, depois de mais de uma hora deitado no chão. No IML, houve uma grande movimentação, pois o médico-legista percebeu a presença de sinais vitais no jovem e acionou o Corpo de Bombeiros para tentar reanimá-lo.

Com o decorrer das investigações, surgiram várias versões relativas a aspectos importantes referente ao crime: ele estava vivo quando chegou IML, conforme foi divulgado pela imprensa? Ele teria sobrevivido se recebesse o atendimento médico imediato? Houve negligência por parte dos bombeiros, que acionaram diretamente o IML, sem levar o corpo ao hospital?

A identidade do acusado de ter assassinado Rafael só foi divulgada aproximadamente um ano depois de sua morte, e só foi possível após análise do projétil que, segundo a balística, era de uma “nove milímetros”. E, como todos naquela viatura estavam em posse de revólveres de calibre 38, com exceção do soldado Noé, que portava uma submetralhadora 9mm, chegou-se à conclusão de que ele fora responsável pelos disparos que causaram a morte do jovem. Apesar desse resultado, o soldado ainda continua



trabalhando no batalhão, aumentando ainda mais o sentimento de impunidade entre a família e os amigos.

Para todos os questionamentos que envolvem o caso Rafael há, pelo menos, duas histórias antagônicas, relatadas como verdadeiras. Para mostrar as questões polêmicas do assassinato de Rafael, “Cidade sem Lei” é uma grande reportagem em vídeo – documentário, com o propósito de dar voz às versões de pessoas que participaram direta ou indiretamente do caso.

## **2 OBJETIVO**

### **2.1. Objetivo Geral**

Revelar, a partir do caso Rafael Rodrigues Mendonça, que por trás dos números apresentados pelas estatísticas negativas da violência urbana existem vidas que foram afetadas.

### **2.2. Objetivos Específicos**

- Produzir um documentário em vídeo sobre a morte de Rafael Rodrigues Mendonça, ocorrido em 28 de novembro de 2003, em Itajaí;
- Relatar as histórias de testemunhas do caso, tanto do momento do crime, quanto dos outros eventos que aconteceram em decorrência dele (enterro, cobertura da mídia, tumulto no IML etc).
- Mostrar o quanto é difícil fazer justiça em um caso como o de Rafael, que envolve um policial militar.

## **3 JUSTIFICATIVA**

Segundo estimativa de 2008, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Itajaí possui aproximadamente 170 mil habitantes. O crescimento da cidade se dá pela sua localização geográfica e, principalmente, por possuir a maior zona portuária de Santa Catarina. O Porto de Itajaí é o segundo maior do país em movimentação de contêineres.

Com o crescimento populacional e o desenvolvimento urbano, conseqüentemente, houve um aumento na incidência de crimes. A violência segue o progresso econômico. Dos 719 homicídios dolosos registrados em Santa Catarina, em 2003, 77 foram em Itajaí, o que representa pouco mais de 10% do número de assassinatos com intenção de matar de todo o



estado, segundo registro do Instituto Médico Legal (IML) e da Diretoria de Polícia Técnica e Científica (DPTC).

Os números assustam. Segundo a gerência de estatística da Secretaria da Segurança Pública e Defesa do Cidadão de Santa Catarina (SSP-SC), Itajaí está no topo da violência do estado. Analisando a quantidade de homicídios e considerando a população, o departamento de estatísticas divulgou nos dados anuais de crimes do estado que em Itajaí foram assassinadas três pessoas para cada dez mil habitantes, em 2003. Esse cálculo de proporção da criminalidade pelo número de habitantes tem o objetivo de trazer os números para mais próximo da realidade. Para se estabelecer comparação, Florianópolis apresentou, no mesmo ano analisado, um índice de dois homicídios para cada dez mil habitantes, e em Joinville (a maior cidade catarinense), o índice foi de apenas um.

Vários números comprovam a alta taxa de criminalidade em Itajaí, e o crescimento desenfreado da violência urbana. Mas, não se pode esquecer, que cada um desses números apresentados pelas estatísticas, representa uma vida que foi interrompida e, junto com ela, histórias que foram abruptamente cessadas. Crimes passionais, queima de arquivo, envolvimento com o tráfico de drogas, ou seja lá qual a motivação para o homicídio, independentemente da causa, o fato é que está sendo perdida a valorização da vida de um ser humano.

Para mostrar que por trás de cada número existiu uma vida, o documentário Cidade Sem Lei narra, a partir de um caso específico, a história de uma vítima – desde sua vida social e familiar, até seu derradeiro.

A escolha do caso Rafael Rodrigues Mendonça como tema para este documentário teve várias razões: a morte precoce, o assassinato de um inocente, a mobilização da população, as manifestações públicas, um crime em que a Polícia (que em tese deve proteger os cidadãos) aparece como agente causadora do assassinato, e a impunidade que segue.

Além do mais, o estudante de Logística e funcionário da J Macêdo faz parte de um outro rol numérico: o de inocentes assassinados. Em 5 de dezembro de 2003, o *Jornal de Santa Catarina* apresentou uma reportagem que abordava a violência em Itajaí a partir do caso Rafael. Um subtítulo dizia: “Mortes de inocentes chocam a comunidade”, e fazia um levantamento do último semestre daquele ano:

No segundo semestre deste ano, outras três mortes de inocentes sensibilizaram a comunidade. No dia 18 de novembro, o jovem Leonardo

Augusto da Rosa, 18 anos, morreu depois de ser atingido por uma bala durante o tiroteio entre homens armados e policiais militares. Segundo a Polícia Civil, Leonardo foi alvejado pela arma dos acusados.

Em outubro, o vigilante de carro-forte Esli de Castro, 33, morreu com um tiro na cabeça disparado por ladrões durante tentativa de assalto. Em 2 de agosto, um menino de apenas nove dias foi assassinado no colo da mãe adotiva durante a execução de um homem.

Na busca por justiça, os familiares e amigos de Rafael organizaram várias passeatas pedindo pelo julgamento do assassino do jovem. Muitos itajaienses aderiram à causa e saíram às ruas vestindo a camiseta de protesto. O medo era que, por se tratar de um policial militar, o acusado de ter disparado contra Rafael fosse absolvido, ou que não fosse sequer julgado. Logo após o enterro do estudante, foi feita a primeira manifestação pacífica. Os amigos e parentes seguiram pela Avenida Hercílio Luz (via em que se concentram várias segmentações do comércio e, conseqüentemente, de intensa movimentação) e, batendo palmas, foram até a frente do batalhão da PM, onde viraram de costas – tanto para mostrar o repúdio à atitude dos militares, quanto para demonstrar a pergunta estampada atrás das camisetas: “Quem será o próximo?”. Depois disso, outras passeatas foram feitas, sempre contando com a cobertura da imprensa e a participação de alguns adeptos da causa.

Muitos dos itajaienses que iam às ruas pedir justiça no caso Rafael, não estavam lá somente por aquele assassinato específico, mas sim em protesto à violência excessiva da Polícia Militar de Itajaí, que é considerada uma das mais violentas do estado.

Segundo dados da Corregedoria da PM de Santa Catarina, divulgados pela gerência de estatísticas da SSP-SC, somente no segundo semestre de 2003, foram instaurados 12 Inquéritos Policiais Militares. O IPM visa, a partir de denúncias, investigar a conduta dos PMs. Desses inquéritos instaurados, a Corregedoria divulgou que os policiais militares foram investigados sob as acusações de lesão corporal, ameaça, homicídio e abuso de autoridade.

Seis anos se passaram desde aquela sexta-feira, 28 de novembro. Ainda não foi sequer marcado o julgamento do PM Hermelino Noé Caetano, acusado de ter assassinado o estudante de Logística. Por ser um crime complexo (em momentos, revoltante), o caso Rafael Rodrigues Mendonça é o ideal para traduzir as várias estatísticas da violência urbana. É preciso que a população deixe de enxergar apenas números, e passe a pensar nas vidas que esses algarismos representam.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

No livro *Introdução ao Documentário* de Bill Nichols (2005), afirma que existe dois tipos de documentários: o de satisfação de desejos e o de representação social. “Cada tipo conta uma história, mas essas histórias, ou narrativas, são de espécies diferentes” (p.26).

Nichols esclarece que o documentário não é a reprodução da realidade e sim “uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares” (2005, p.47). O autor ainda explica como o documentário estimula o saber:

O vídeo e o filme documentário estimulam a epistefilia (o desejo de saber) no público. Transmitem uma lógica informativa, uma retórica persuasiva, uma poética comovente, prometem informação e conhecimento, descobertas e consciência. O documentário propõe a seu público que a satisfação desse desejo de saber seja uma ocupação comum. Aquele que sabe compartilhará conhecimento com aqueles que desejam saber. (2005, p. 70)

“Cidade sem Lei” consegue juntar as duas coisas: o desejo de contar a história de Rafael e de representa-la através de imagens e depoimentos.

Para contar o caso Rafael Rodrigues Mendonça foi realizada uma grande reportagem em vídeo – documentário, em que predominam as falas dos entrevistados. Elas foram intercaladas com imagens, fotos e outros recursos gráficos que ajudaram a costurar a narrativa.

A boa narrativa em documentário, com raras exceções, depende de uma boa pesquisa. É preciso encontrar um tema, entender sua história e ter certeza de que está apresentando um ponto de vista equilibrado e preciso (...) o equilíbrio e a precisão não significam que não se possa, como cineasta, assumir uma posição particular, ou que seus temas não possam defender uma delas. (BERNARD, 2008, p. 115)

O documentário é uma obra autoral, onde o documentarista pode imprimir suas próprias marcas de forma direta ou não. O “Cidade Sem Lei” apresenta metáforas que podem ficar bem claras para algumas pessoas e despercebidas para outras. Um exemplo é o uso da pipa para representar a vida: basta que um fio se rompa, ou seja rompido, para que a pipa caia.

Há também o uso de recortes de jornais que falam por si só, sem que seja necessário o uso de *offs* do documentarista para que seu ponto de vista seja evidenciado no vídeo. Tanto que, só há o uso de *off* em apenas quatro momentos da narrativa: primeiro para



explicar o caso, o segundo e terceiro para justificar a ausência no documentário do PM acusado pelo crime; e por último para apresentar dados referente à violência da cidade e da Polícia Militar.

Outro recurso de gravação foi a filmagem diferente para um dos entrevistados. Enquanto todos seguiram um mesmo padrão de enquadramento (plano fechado), o subcomandante do 1º Batalhão de Itajaí foi filmado em pé. Como ele chegou depois, avisando que o soldado Noé não iria falar, acabou-se filmando a cena daquela maneira. Ficou diferente. Uma imagem semelhante à câmera escondida. A ideia foi deixar claro o quanto foi tentado ouvir o soldado Noé, acusado dos disparos contra Rafael.

Quanto à trilha sonora, foram escolhidas duas músicas que foram compostas logo após o caso. Uma faz uma homenagem a Rafael – chamasse *Filho Meu*, de Alberto Silva Junior, um amigo da família. A outra (*Cidade sem Lei*) serve como fio condutor da narrativa, abrindo e encerrando o documentário – além de dar nome ao filme. A música foi feita pelo grupo Realidade Periférica, em parceria com o grupo Manifesto. A música apresenta em sua letra vários casos de crimes e tipos de violência que aconteceram naquela época, em Itajaí. Portanto, no início do documentário é executado apenas o trecho que menciona o caso Rafael e, no fim da narrativa, e tocada toda a música, para que fique claro que o caso Rafael Rodrigues Mendonça foi apenas mais um em meio a tanta violência existente na cidade.

Em relação à seleção de imagens e fotos que serviram para ilustrar o documentário, foram excluídas todas as cenas que mostravam Rafael “morto”, ainda com sangue na rua do Porto. Isso porque, os depoimentos já são emocionantes o suficiente, não havendo a necessidade de tornar a narrativa ainda mais chocante.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

O documentário foi dividido em dez núcleos para dar clareza à informação passada ao telespectador. O título que marca cada um desses núcleos não aparece com algum efeito ou trilha sonora, para dar tempo ao espectador de assimilar cada mudança, sem que haja excesso de recursos que possam acabar atrapalhando a compreensão das informações.

O bloco “O crime”, trata especificamente do que aconteceu naquele dia 28 de novembro de 2003; “A polêmica” aborda a possibilidade de Rafael ter sido levado com vida ao IML; “A vítima” apresenta rapidamente quem foi Rafael Rodrigues Mendonça; “A dor” mostra o sofrimento da família ao receber a notícia da morte do estudante; “O enterro” fala



do dia após a morte e da manifestação que se seguiu por parte dos amigos da vítima; “A PM” aborda a violência por parte da Polícia Militar, com direito à visão da instituição sobre o batalhão de Itajaí ser violento; “O acusado” apresenta a situação atual do soldado Noé e justifica a ausência dele no documentário a partir de uma entrevista com seu subcomandante; “A impunidade” fala do sentimento dos amigos pela falta de justiça e traz a posição do Ministério Público com a fala do novo promotor do caso; “A perda” mostra como a família lidou (e ainda lida) com a falta de Rafael e quais os sentimentos em relação ao que aconteceu; “Cidade sem lei” encerra o documentário apresentando os dados da violência em Itajaí e as ocorrências que envolvem parte dos policiais militares que atuam na cidade. Por fim, são mostradas cenas de violência capturadas pelas câmeras de monitoramento de Itajaí, onde aparecem roubos e acidentes que aconteceram recentemente na cidade.

Como a proposta era fazer um documentário relativamente curto no tempo, mas forte na intensidade, foi necessário selecionar as fontes. Com isso, fechou-se em 20 minutos de duração para que a narrativa não ficasse vaga ou cansativa.

O assaltante do banco, por exemplo, estava entre os entrevistados pretendidos no pré-projeto. Entretanto, foi decidido não entrar a fundo no assalto em si, para dar mais espaço à consequência do assalto, no caso, o assassinato de Rafael. Já os bombeiros não quiseram participar. O mesmo aconteceu com os representantes dos Direitos Humanos da OAB de Itajaí. Uma pessoa estava viajando, a outra preferiu não participar. A ausência dessas instituições fez falta ao documentário. Talvez, a fala do PM pudesse acrescentar algo.

As cenas foram gravadas nos locais em que cada pessoa representava (jornalista em uma redação; a testemunha no Porto de Itajaí; a técnica em necropsia no IML; os policiais militares no batalhão, o promotor de Justiça no fórum; familiares e amigos de Rafael em suas respectivas casas). As entrevistas foram semi-estruturadas, sempre sendo conduzidas de forma planejada, mas se adaptando de acordo com a fluidez de cada resposta e a necessidade de esclarecimentos.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

Parecia ser impossível contar de forma completa a história do caso Rafael Rodrigues Mendonça em menos de meia hora. Mas foi possível. “Cidade sem Lei” mostra de forma emocionante como um crime pode mexer com a estrutura de vida de várias pessoas. É uma narrativa que faz com que o espectador não enxergue apenas os números das estatísticas





negativas da violência urbana, mas perceba que por trás de cada algarismo existem vidas, histórias, sonhos.

A intenção do trabalho era provocar a reflexão nos telespectadores. E, ao final da execução do projeto, é possível afirmar que pensar no tema é inevitável. Concluído, não há prioridade em comercializar o documentário para ser exibido. A única intenção é que ele seja assistido para que a história de Rafael sirva de exemplo para as pessoas. Que possa conscientizar as instituições (como a própria PM), ou o cidadão comum. Que todos repensem suas atitudes a partir do que aconteceu com a família Mendonça.

A lição que o documentário deixa é a de que não se pode ficar calado em frente a injustiças. Logicamente, nada é capaz de reverter o que aconteceu naquele dia 28 de novembro de 2003. Entretanto, é preciso dar algum sentido para o fato. E, certamente, ignorar ou esquecer o que aconteceu não é a opção correta a se tomar. Afinal, todos estão sujeitos a passar por situação parecida, considerando a alta taxa de violência não só de Itajaí (que é usado para exemplificar na narrativa), mas de todo o Estado de Santa Catarina.

Apesar do nome, sabe-se que a cidade tem leis, sim! No entanto, é preciso verificar se realmente elas estão se fazendo cumprir em sua totalidade. Porque de nada adianta que as regras sejam impostas apenas para uma parcela da sociedade, tornando outros (ou por suas posições sociais ou pelas instituições que representam) imunes às punições. Enquanto houver impunidade, haverá mais violência. E esse ciclo de criminalidade e injustiça vai gerar uma bola-de-neve que, em breve, não poderá mais ser contida.

Como jornalista, a concretização do documentário representa a superação de um grande desafio. Cada entrevista, cada ideia, cada dúvida, cada contato. Tudo exigiu um amadurecimento profissional que eu não tinha noção de já possuir. A palavra “experimental”, que dá nome a disciplina, foi encarada literalmente. Pela lógica, por ter mais aptidão e domínio no jornalismo impresso – área em que já trabalho – deveria ter optado por um Trabalho de Conclusão de Curso nessa modalidade que já possuo certa experiência. Entretanto, encarei o desafio: conseguir realizar um documentário. Desafio vencido. Resultado: “Cidade sem Lei”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARD, Sheila Curran. **Documentário: Técnicas para uma produção de alto impacto.** Rio de Janeiro : Elsevier, 2008.



GERÊNCIA DE ESTATÍSTICAS. Disponível em:

<<http://www.ssp.sc.gov.br/dini/estatisticas/estatistica.htm>> Acesso em 5 de abril de 2009.

ITAJAÍ. Disponível em:

<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Itaja%C3%AD>> Acesso em 5 de abril de 2009.

ITAJAÍ. Disponível em:

<[www.itajai.sc.gov.br](http://www.itajai.sc.gov.br)> Acesso em 5 de abril de 2009.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.

PODER JUDICIÁRIO DE SANTA CATARINA. Disponível em:

<<http://itajai.tj.sc.gov.br/cpopg/pcpoResultadoPG.jsp?CDP=0X0003H300000&nuProcesso=33030232646&nuRecurso=0&cbPesquisa=NMPARTE&cdForo=33>> Acesso em 4 de abril de 2009.

ZONTA, Luciana. Itajaí no topo da violência. **Jornal de Santa Catarina**, Itajaí, 5 de dezembro de 2009, p. 6.